

Diversão & Arte

CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, sábado, 5 de junho de 2010

LIVRO ESPECULA SOBRE AS ORIGENS DO PRESIDENTE DOS EUA E DEFENDE QUE ELE NÃO TERIA NASCIDO SE NÃO FOSSE GRAÇAS À PAIXÃO DA MÃE PELO FILME ORFEU NEGRO

Arquivo/CB/D.A. Press



Peça de Vinícius de Moraes serviu de inspiração para o filme de Marcel Camus

Novo Século/Reprodução



Novo Século/Reprodução



Livro destaca as semelhanças entre o ator Breno Mello (com o violão), que interpreta Orfeu, e Barack Hussein Obama (acima)

Obama for America/AP - 27/7/04



Stanley Ann com o marido: paixão pela cultura negra

O escritor e jornalista Fernando Jorge explica a tese desenvolvida em seu novo livro, *Se não fosse o Brasil, jamais Barack Obama teria nascido*, com a seguinte afirmação: "Resumindo, é: se não fosse Vinícius e a sua peça *Orfeu da Conceição*, não existiria o filme *Orfeu negro*, e jamais Obama teria nascido". A teoria encontra sustentação na relação da mãe do atual presidente norte-americano, a antropóloga Stanley Ann Dunham, com a obra, dirigida pelo francês Marcel Camus em 1959, irmão do escritor Albert Camus. Ann deixou o cinema maravilhada com o primeiro filme estrangeiro visto na vida. Aos 17, foi estudar no Havaí e, numa aula de russo, conheceu Barack Hussein Obama, um queniano de 23 anos que emprestaria seu nome ao filho, Barack Hussein Obama II, ou, simplesmente, Barack Obama. Para Jorge, Ann se entregou a Barack como Eurídice a Orfeu, personagens do mito grego que Vinícius adaptou para o cenário carnavalesco do Rio de Janeiro.

"Do ponto de vista psicanalítico, a tese é perturbadora", observa o escritor. No capítulo em que narra o relacionamento entre Ann e Obama I, Jorge insiste na semelhança entre o ator que interpreta Orfeu, Breno Mello, ex-jogador de futebol que vestiu a camisa do Renner, de Porto Alegre, e do Fluminense, e o pai de Obama II. O autor escreve: "Os dois tinham a mesma cor escura, a mesma cara redonda, os mesmos olhos ovais, os mesmos dentes e até o mesmo sorriso".

O carinho de Ann pelo filme também é descrito no livro *Dreams from my father*, de Obama II. "Eles (Obama I e Ann) viveram juntos por 23 anos. Vinte anos depois, a mãe de Obama estava ao lado do filho num apartamento em Nova York e viu que o filme ia ser apresentado de novo. Convidou-o, com a meia-irmã, para ver. No meio do filme — Obama já havia entrado na vida política —,

senti vontade de sair do cinema, mas quando olhou para a mãe, ela estava em êxtase. Não quis sair. Pude compreender tudo", relata Jorge, sobre um trecho do livro.

Além da já destacada teoria que se vale do interesse de Ann por *Orfeu negro*, o jornalista comenta a proximidade do presidente norte-americano com Lula. "Há muita afinidade entre Lula e Obama. Ele foi marxista-leninista, conta que sofreu influência dos intelectuais de esquerda quando era estudante universitário. Outra afinidade que existe é que os dois são de origens humildes", diz.

Prêmio em Cannes

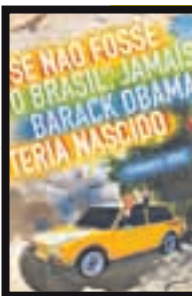
O filme de Marcel Camus foi consagrado com prêmios internacionais (Palma de Ouro em Cannes, Globo de Ouro e Oscar de melhor filme estrangeiro) e revelou ao mundo o talento de Tom Jobim, Vinícius, Luiz Bonfá e Antônio Maria, responsáveis pela trilha sonora de *Orfeu negro*. A bossa nova brasileira foi imortalizada nas canções *A felicidade* (Jobim/Vinícius), *Manhã de carnaval* (Luiz Bonfá/Antônio Maria) e *O nosso amor* (Jobim). Para se ter uma ideia da força do filme, basta conferir quem saiu derrotado no festival francês: *Os incompreendidos*, de François Truffaut, e *Hiroshima meu amor*, de Alain Resnais, duas das obras mais importantes do cinema.

www.correiobraziliense.com.br



Leia trecho do Livro

Novo Século/Reprodução



SERVIÇO

Se não fosse o Brasil, jamais Barack Obama teria nascido de Fernando Jorge. 272 páginas, Novo Século. R\$ 34,90.

O OBAMA É "QUASE" BRASILEIRO

Trecho

Certa vez, nessa época, quando Stanley Ann Dunham se achava em Nova York, junto do filho, os olhos dela fulguraram ao ler o anúncio do filme *Orfeu negro*. Esse voltara a ser exibido num cinema do centro dessa cidade.

Ann convidou Obama e a meia-irmã dele, a jovem Maya, a assisti-lo naquela noite. Até insistiu. Decla-

rou que *Orfeu Negro* havia sido o primeiro filme estrangeiro visto por ela. Obama, no livro *Dreams from my father*, reproduziu as palavras da mãe:

"Eu só tinha 16 anos na ocasião. Acabara de ser aceita na Universidade de Chicago... e estava lá durante o verão, trabalhando na casa de uma família. Foi a primeira vez em que estive realmente sozinha,

por minha conta. Nossa, eu me senti adulta. E quando assisti a esse filme, pensei que era a coisa mais linda que eu já tinha visto."

Ann, Obama e Maya, num táxi, rumaram para o cinema. Barack evocou:

"O filme, inovador, com o seu elenco sobretudo de negros brasileiros, fora produzido na década de 1950.

Enredo simples: o mito grego dos amantes desventurados, Orfeu e Eurídice, ambientado nas favelas do Rio de Janeiro, durante o carnaval. Em technicolor esplendoroso, e tendo no fundo verdes morros cênicos, os negros e mulatos brasileiros cantavam, dançavam, tocavam violão, como despreocupados pássaros de plumagem colorida."

